

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Faculdade de Educação

Especialização em alfabetização e letramento nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Disciplina: Práticas de Pesquisa

Orientanda: Joseane Cancino de Souza

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Liliane Ferrari Giordani

Semestre: 2013/2

Experiências de leitura na escola de surdos: os sentidos do “ler” nas narrativas de alunos

Resumo

Neste estudo, abordei algumas das experiências em leitura dentro e fora do ambiente escolar de alunos surdos de duas Escolas do Município de Porto Alegre, são elas EMEF. de Surdos Bilíngue Salomão Watnick e Escola Especial para Surdos Frei Pacífico. Os alunos que participaram deste estudo tem entre 9 a 15 anos e estão matriculados em turmas iniciais (3º e 4º) e finais (8º) do ensino fundamental. Os objetivos para este trabalho são conhecer e compreender os significados e sentidos das práticas de leitura na vida destes alunos, suas histórias e experiências com a leitura. São sujeitos aprendizes e narradores, que nos traduzem o ato da “Leitura” – como momento único – em uma ação libertadora, momentos de satisfação contada por cada um dos alunos surdos que teve o privilégio de conhecer. As concepções teóricas que fundamentam este trabalho seguem a linha dos estudos surdos e estudos sobre letramento e alfabetização filiando-se aos autores, Angela Kleiman (2005), Roger Chartier (2009), Carlos Skliar (2001). A metodologia utilizada foi da pesquisa qualitativa, com agendas para coleta de dados no ambiente escolar, intencionando conhecer e identificar quais eram seus suportes de leitura e suas trocas de experiências. A coleta de dados foi filmada com tradução simultânea da Língua Brasileira de Sinais para o Português Oral pelas professoras regentes de cada escola. Cada aluno teve a oportunidade de manifestar sua opinião sobre o papel que a leitura tem dentro e fora dos muros escolares, relataram o que gostam de ler, como leem, onde buscam as fontes de leituras e o quão a importância deste ato é para todas as pessoas ouvintes ou não. Os estudos evidenciaram que ainda existem muitas mudanças na proposta sobre a educação dos surdos, porém muitos passos já foram dados e boas conquistas já se apresentaram, é uma caminhada que ainda requer boas estratégias a serem vencidas, por parte de seus envolvidos e que os movimentos ligados a educação Bilíngue promove todos os dias, neste Estado e no Brasil.

Palavras-chave: Práticas de Leitura – Identidade Surda – Narrativas

Experiências de leitura na escola de surdos: os sentidos do “ler” nas narrativas de alunos

Ler é traduzir?
Cada poesia é uma leitura da realidade,
E toda leitura de um poema é uma
Tradução que transforma a poesia do
Poeta na poesia do leitor.
Octavio Paz

Introdução

No processo de construção deste trabalho observei, com um olhar atento, curioso e cuidadoso, sobre o ato da leitura, em espaços de escolarização e para além dos tempos na escola, com alunos surdos de duas escolas do município de Porto Alegre, são elas EMEF de Surdos Bilíngue Salomão Watnick, que se localiza no bairro Intercap, esta escola, trabalha com surdos com ou sem outras deficiências associadas. Seu atendimento educacional especializado ocorre de forma complementar ao ensino comum, os serviços oferecidos pela escola Salomão, abordam questões que possam vencer possíveis obstáculos, tornando o acesso permanente ao aprendizado do aluno com surdez.

A segunda escola pesquisada é a Escola Especial para Surdos Frei Pacífico, localizada no bairro Santo Antônio, que foi fundada em 1956, continua a atender, com carinho e dedicação de sua equipe pedagógica os alunos surdos, aos níveis do Ensino Infantil e Fundamental, ampliando seu espaço físico, em 1974, com a implantação da Clínica Especializada em Comunicação, para atender surdos e ouvintes, criando não só um vínculo de educação, mas sim de cumplicidade até hoje.

Iniciei esta pesquisa em 3 a 4 visitas, nas referidas escolas citadas, para conhecer e compreender como se dão as experiências de leitura dentro de uma sala de aula de alunos surdos e como tais experiências de leitura, refletem em seu cotidiano. A faixa etária participante foi entre 9 a 15 anos, e estão matriculados em turmas iniciais (3º e 4º ano) e finais (8º ano) do ensino fundamental.

Os objetivos para este trabalho são conhecer e compreender os significados e sentidos das práticas de leitura na vida destes alunos, suas histórias e experiências com a leitura, são alunos que possuem histórias de vida que marcam uma construção de seus próprios saberes, nem sempre com facilidade ou nem sempre com dificuldade, mas sim com algo que certamente é característico de cada um o **entusiasmo**, este certamente contagiante.

Os alunos, sujeitos desta pesquisa são narradores de suas histórias, onde a “Leitura” – como momento único – em uma ação libertadora, momentos de satisfação contada por cada um dos alunos surdos que tive o privilégio de conhecer. As concepções teóricas que fundamentam este trabalho seguem a linha dos estudos surdos e estudos sobre letramento a alfabetização filiando-se aos autores, Angela Kleiman (2005), Roger Chartir (2009), Carlos Skliar (2001), Larossa (2004), Stuart Hall (1997), entre outros que fizeram parte das leituras para a construção deste. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa, com agendas para coleta de dados no ambiente escolar, intencionando conhecer e identificar quais eram seus suportes de leitura e suas trocas de experiências.

A coleta de dados foi filmada com tradução simultânea da Língua Brasileira de Sinais para o Português Oral pelas professoras regentes de cada escola. Cada aluno teve a oportunidade de manifestar sua opinião sobre o papel que a leitura tem dentro e fora dos muros escolares, relataram o que gostam de ler, como leem, onde buscam as fontes de leituras e o quão a importância deste ato é para todas as pessoas ouvintes ou não.

Mas por que ler é tão importante? O que nos motiva a ler? Ler pra quê? Certamente existem vários porquês da importância da leitura, todo mundo sabe que ler é essencial, a leitura tem o intuito de despertar, o aprender sobre o

novo, uma boa leitura leva a pessoa ao entendimento de assuntos distintos. Afinal, o que é entender senão compreender, perceber. Como você saberá conversar sobre determinado tema se não tem percepção ou se não o compreende?

Neste sentido a cultura, está bem vinculada com os atos de ler, pois através da leitura temos possibilidade de ter contato com várias culturas diferentes. Sabemos como determinado povo se comporta, os motivos pelos quais agem de forma distinta da nossa, além disso, compreendemos melhor o outro quando passamos “a saber” a história de vida que o cerca. Revista da Cultura, (2010).

Ler motiva a ter pensamentos coerentes, lendo, nos tornamos reflexivos, ou seja, formamos uma ideia própria e madura dos fatos, antes desconhecidos, permitindo o entendimento dos vários lados de uma mesma história, na busca de conhecimento pessoal, inclusive na escrita de um artigo científico como este. Através, da leitura falamos e escrevemos melhor, sabemos o que aconteceu na nossa história. Segundo Conde:

Quem lê muito começa a refletir mais rápido, adquire mais agilidade na leitura, compreende melhor e identifica qual a opinião do escritor e a conclusão alcançada, do texto. Amplia o vocabulário, pois quem lê tem um repertório mais avançado do que aquele que não possui essa prática. Conseqüentemente a escrita melhora o indivíduo conseguirá desenvolver seu texto com muito mais destreza e facilidade. Quem lê, se expressa bem por meio da escrita. E acaba tendo uma infinita diversão, a leitura promove ir a lugares “com as próprias pernas”. Nunca deixando de lado a informação, pois através da leitura ficamos informados sobre o que acontece no mundo e na nossa cidade (2008).

Daí a importância deste estudo para que eu pudesse compreender como a leitura pode se tornar um agente transformador, na vida de cada um. Assim como é para nos ouvintes é fundamental pra os surdos. O que temos que deixar bem claro aqui para você leitor é que o surdo possui uma língua própria com sua estrutura definida e fundamentada, que é utilizada pelas comunidades

surdas do Brasil, reconhecida oficialmente pela Lei nº 10.436/2002 e pelo Decreto 5.626/2005, assim LIBRAS.

Para compreender um pouco mais sobre a Cultura Surda, é preciso conhecer: O que é ser surdo? segundo Thoma:

Ser surdo significa ter um traço identitário¹ que se hibridiza com outros na constituição de um sujeito, constituição esta que não pode ser reduzida a condição biológica do não ouvir. A surdez é uma experiência constituída na relação com outros (surdos ou ouvintes) e não há como descrevermos a todos os surdos segundo alguns tipos de categorias fixas e puras. Ser surdo é uma condição plural, e as identidades surdas podem ser tantas como podem ser qualquer outra. (2012)

A surdez é invisível, enquanto marca física, podemos estar diante de uma pessoa surda sem perceber, só conseguimos identificar quando observamos a forma que se comunica, neste caso seria as marcas da surdez? Thoma (2012), relata que a língua de sinais é o principal marcador surdo, justamente por ser a marca que mais identifica os surdos, essa língua foi, ao longo do tempo e ainda é considerada um impedimento ou dificultadora para a inclusão dos surdos na sociedade.

Porém, as Comunidades Surdas possuem um espaço importante na vida de cada individuo surdo, pois quando um surdo conhece outro surdo estes sentem a necessidade de estar em comunidade seja ela em espaço escolar ou associações, desta forma, promovendo a inclusão de sua vida em sociedade. “Para Stuart Hall (1997), a Cultura determina uma forma de ver, de interpelar, de ser, de explicar, de compreender o mundo” É uma cultura visual, e a língua de sinais é o código mais compartilhado, o marcador cultural que faz com que os surdos se sintam à vontade nos espaços comunitários em que se reúnem e trocam experiências de vida entre eles.

O Movimento Surdo articula lutas em prol dos surdos, para que seus direitos sejam ouvidos fazendo total diferença neste país. A Feneis é um órgão

¹ Thoma, Adriana da Silva. Representações sobre os Surdos, Comunidades, Cultura e Movimento Surdo. 2012, p.87-100.

que articula os movimentos surdos no Brasil, trata-se de uma entidade de máxima relevância que defende os direitos linguísticos e culturais dos surdos, e esta ligada diretamente a outros órgãos como: (ONU, UNESCO, Ecosoc, OMS, OIT, OEA), que juntas garantem os direitos aos surdos.

Pesquisas linguísticas tem demonstrado que as Línguas de Sinais são sistemas de comunicação desenvolvidos pelas comunidades surdas, constituindo-se em línguas completas com estruturas independentes das línguas orais. Os sinais são formados a partir de Parâmetros (2005), como a combinação do movimento das mãos com um determinado formato num determinado lugar, podendo este lugar ser uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo.

Os parâmetros da Língua de Sinais são: Configuração das Mãos, Movimento, Locação ou Pontos de Articulação, Orientação da Mão e Expressões faciais e corporais. Na combinação desses parâmetros obtém-se o sinal. Portanto, falar com as mãos é combinar esses sinais que formam as palavras e as frases num determinado contexto. As Línguas são consideradas naturais quando são próprias das comunidades inseridas, que as têm como meio espontâneo de comunicação. Podendo ser adquiridas, através do convívio social, como primeira língua ou língua materna, por qualquer um de seus membros desde a mais tenra idade.

Há sempre uma discussão em torno das Libras, entretanto devemos ter, sobretudo respeito pela língua, pois o desenvolvimento cognitivo, afetivo, sociocultural e acadêmico não dependem da audição, mas sim do desenvolvimento espontâneo da sua linguagem, a Libras facilita e propicia o desenvolvimento linguístico e cognitivo da criança surda, auxiliando no processo de aprendizagem de línguas orais, favorecendo a produção escrita, servindo de apoio para a leitura e compreensão dos textos escritos.

A vontade de conhecer e compreender a leitura e a forma de interpretar, destes alunos, modificou meu olhar enquanto professora, tornando-me ainda mais sensível e convicta, de que, posso contribuir para a formação destes

alunos surdos. Esta cultura², que sempre mexeu com minha inquietude, desde a infância, apresentou-me um universo de lutas e desafios a serem vencidos com dedicação e muita força de vontade por parte dos alunos. Ainda existem muitas mudanças na proposta sobre a educação dos surdos, porém muitos passos já foram dados e boas conquistas já se apresentam, é uma caminhada que ainda requer boas estratégias a serem vencidas, por parte de seus brilhantes educadores, segundo Skliar:

A mudança registrada nos últimos anos não é, e nem deve ser, compreendida como uma mudança metodológica dentro do mesmo paradigma da escolarização...O que estão mudando são as concepções sobre o sujeito surdo, as descrições em torno da sua língua, as definições sobre as políticas educacionais, a análise das relações de saberes e poderes entre adultos surdos e adultos ouvintes (2011)

Confesso que muitos são os meus questionamentos sobre o “ensinar a ler” com os alunos surdos. Mas o que é realmente ler? Como se lê? Para quem e para que serve o ato de ler? A leitura é crítica ou é verdadeiramente paixão? É compreender-se ou compreender? É a busca pela afirmação ou pelo significado? Por que lemos então? O que dizem as palavras? Seria o se dar e permitir-se desvendar o pensar do outro, em outras palavras “Dar a ler (o que ainda não sabemos ler): dar a pensar (o que ainda não pensamos), segundo Larossa (apud Barros, 1990).

Segundo Camini e Piccoli, o conceito de Letramento lançou luzes sobre um aspecto fundamental da leitura e da escrita: a sua origem nas práticas sociais. O que se tem definido como alfabetização ou letramento poderia se substituído pelo que de fato interessa o letramento, assim, envolve o estudo das funções e práticas da língua escrita e seu impacto na vida social, tanto para crianças quanto para jovens e adultos. (2012).

² A Cultura surda é constituída de códigos, hábitos, humor e histórias que são compartilhados entre seus integrantes em espaços como as escolas, as associações e em famílias surdas.

Para as autoras a ideia de letramento, então, ultrapassa as fronteiras escolares, permeando as diversas esferas de atividade pelas quais os sujeitos circulam. Copiar a data e o roteiro da aula do quadro para o caderno, ler um texto e responder a perguntas sobre ele, por exemplo, são práticas tipicamente escolares dentro de um amplo e variado universo de possibilidades de usos da leitura e da escrita que ocorrem nas mais diversas esferas das quais as crianças participam: domésticas (registrar, em forma de lista, os produtos que devem ser comprados antes de se ir ao supermercado), religiosas (acompanhar a leitura de uma passagem para discuti-la), de trabalho (fazer a chamada dos alunos, registrar em ata uma reunião com pais, escrever um e-mail para marcar uma reunião), da rua (encontrar a parada do ônibus mais próximo e ler o itinerário da condução), de lazer (fazer palavras-cruzadas, ler um romance, comentar fotos de amigos em redes sócias), todas estas citações são práticas de letramento que crianças e adultos vivenciam oralmente todos os dias.

O termo letramento surge da versão para o português da palavra inglesa *literacy*, que, etimologicamente vem do latim *littera* (letra) com o sufixo *-cy* que indica qualidade, condição, estado. Assim, *literacy* é para Soares:

Estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la. (2003).

Nesse sentido, letramento resulta da ação de ensinar ou aprender a ler e escrever, é a condição que adquire o sujeito ou seu grupo social como consequência de ter-se apropriado da escrita.

Paulo Freire (2000), utilizou o conceito de alfabetização e não de letramento. Pode-se dizer que sua concepção de alfabetização era tão ampla que abarcava e superava o conceito de letramento, pois a relacionava à consciência crítica dos indivíduos acerca da realidade vivida por eles para

transformá-la, questionava a alfabetização apenas como técnica mecânica de codificação e decodificação.

Já Emilia Ferreiro preferiu utilizar a tradução de *literacy* que é segundo a autora a expressão da “cultura escrita”, argumentando que o acesso a essa cultura desencadeia o processo de alfabetização, pois a criança participa de contextos sociais nos quais a língua escrita é produzida e interpretada bem antes do ensino realizado na escola. Ferreiro (2001).

Letramento é o termo defendido por Angela Kleiman (2005), onde ao afirmar que ele já entrou carregado de novas associações e significados, como por exemplo, uma nova relação com a oralidade e com linguagens não verbais. As estratégias orais usadas por crianças ainda não alfabetizadas enquanto contam uma história por meio da leitura de imagens de um livro, valendo-se de marcas de abertura, como “Era uma vez...” demonstram a participação de eventos de letramento no ambiente doméstico, em interação com adultos leitores. Assim, o letramento envolve o estudo das funções e práticas da língua escrita e seu impacto na vida social, tanto para crianças quanto para jovens adultos.

Ao discutir a questão da leitura e da escrita em crianças surdas, Pereira (1996) e outros autores, referem-se, como todas as crianças, também as surdas necessitam de conhecimento de mundo de modo que possam recontextualizar o escrito e daí derivar sentido, sendo assim, a maior contribuição da língua de sinais para a aquisição da leitura e escrita para o surdo. Pois é através desta recontextualização que os alunos surdos poderão atribuir sentido ao que leem, deixando de ser meros decodificadores da escrita, e é através da comparação da língua de sinais com o português que irão construindo o seu conhecimento do português.

A autora ainda destaca que, é necessário que se mude a concepção de escrita que ainda predomina na maior parte das instituições que atendem surdos no Brasil, que continuam a prevalecer uma preocupação com a alfabetização, com o ensino das letras, sua combinação em vocábulos, codificação e decodificação dos mesmos, sendo atribuída pouca ou nenhuma

importância aos usos da escrita enquanto práticas sociais mais amplas (letramento). Giordani considera que:

A escolarização, ao se referir aos processos de letramento, deve considerar, como objeto de análise, as condições materiais, culturais e históricas em que ocorre a leitura e a escrita. Neste sentido, é fundamental que a escola se preocupe em como, onde, por que e para quem o letramento é transmitido, da atribuição dos significados e dos usos que dele são feitos; das expectativas esperadas com a aquisição das habilidades alfabéticas e quais dessas expectativas são realizadas e das diferenças estabelecidas a partir da condição social dos letramentos entre a população (2003).

Assim como para as crianças ouvintes, o trabalho com as crianças surdas o letramento propriamente dito, deve ser visto como um resultado de interação entre sujeitos, um encontro de vários discursos para que assim possam transformar em linguagem e compreensão.

Leitura: ato de recriar textos

Na análise deste trabalho, identifico quem seria este leitor por quem procuro, alguém que ao ler textos múltiplos tivesse uma interpretação culturalmente contextualizada? Ou quem sabe, um leitor independente da interpretação do professor, da leitura e da escrita pedagogizada pela escola, busco um leitor que fosse capaz de abandonar-se em suas próprias leituras e histórias da sua cultura, emocionando-se com gestos interpretados que buscam transmitir a melhor forma de se interpretar pelo olhar do outro, ou simplesmente, alguém que busca ler pela vontade, pela paixão ou até mesmo “ler por ler”. As experiências aqui narradas são de alunos surdos, que já iniciaram suas trajetórias de leitura e que através de seus relatos, mostram como se faz a interpretação do que gostam de ler, para que leem e o quanto tudo isto é importante.

Larossa (2001) atribui que o ato de ler, vem a ser uma como tradução. Que de certa forma, dar a pensar a leitura como uma operação na qual a linguagem se dá na sua construção. As narrativas destas crianças e adolescentes surdos, das escolas pesquisadas, propõe um novo olhar, da forma em que fazem uso das interpretações decorrentes de leituras sugeridas por seus professores.

As diferentes formas de leitura explorada no ambiente escolar trazem a estes alunos, novas descobertas que na maioria das vezes vai além da “leitura pela sobrevivência”, é a identidade de um leitor em formação, um leitor que busca vorazmente conhecimento e que quer fazer deste conhecimento adquirido respostas para as inúmeras perguntas que veem de todos os lados, neste mundo tão globalizado e repleto de suportes de leitura.

Mas o que se faz um bom leitor e onde estão estas leituras? Chartier (2009), vem ao encontro destas respostas, onde se apresenta da seguinte forma. *“É preciso pensar não apenas nos livros, mas também em todos os materiais impressos. Observando a própria caixinha do correio, uma revista, um jornal, um texto eletrônico em uma tela”*. Tudo pode se contribuir para que este aluno possa interagir e tornar-se leitor.

Sendo assim, estas narrativas que vão nos apontar se a mudança textual se transforma em mudança de representação ou movimento não deveriam acontecer de forma inversa, ou seja, uma mudança de representação que possibilite um novo texto Skliar (2001).

A Língua de Sinais é a língua natural da comunidade surda. Esta língua, com regras morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas próprias, possibilita o desenvolvimento cognitivo da pessoa surda, favorecendo o acesso desta aos conceitos e aos conhecimentos existentes na sociedade. Estas histórias de vida, aqui narradas, onde os personagens principais vivenciam todos os dias desafios a serem conquistados dentro da sua língua e a própria língua portuguesa, tornam-se parte da história de outros alunos surdos que narram ou já narraram as dificuldades, obstáculos e o sucesso que cada um já conseguiu atingir. Sucesso este que menciono, não é só aquele sucesso

perceptível ou midiático, este ao que me refiro, é o de poder ser capaz de interpretar, interagir, comunicar, locomover, escrever e produzir sozinho, todo conhecimento que lhes é transmitido nas mais variadas áreas do conhecimento e que são apresentadas e exploradas principalmente na escola e acabam por refletir-se no seu cotidiano.

São relatos que me emocionam, pois transmitem tudo o que sentem quando leem, e para que as identidades destes 10 entrevistados, com idades entre 9 a 15 anos, crianças e adolescentes possam ser preservadas, os identificarei através de suas iniciais. No entanto, para nos contar sobre suas representações de leitura e escrita, é necessário nos contar sobre suas experiências e sentimentos que os constituíram e que dão forma ao que irão nos contar sobre elas.

Ler me arrepia e emociona³

Identidade e diferença, palavras que falam do tudo e do nada dos seres humanos. Larossa (2001) a educação impõe, a si mesma, o dever de fazer de cada um de nós alguém, com identidade definida e que marcam em cada um de nós.

Para Chartier (2009), *A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados, o leitor é um caçador que percorre terras alheias*, assim são os leitores das Escolas Salomão e Frei Pacífico, que buscam estabelecer suas identidades em cada leitura realizada na escola e em casa. A leitura é libertadora, é cercada por limitações derivadas das capacidades e hábitos que caracterizam suas diferenças e de práticas de leitura, os gestos de leitura mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler.

³ Este título remete as carinhosas palavras da aluna B.A, do Colégio Frei Pacífico, quando perguntado a ela “ O que te faz ler? Você gosta de ler? Ler o quê?, segundo a aluna, toda emoção dos autores que escrevem livros e textos esta ali naquelas palavras, quando se escreve com o coração o resultado é este, amor e carinho e vontade de ler mais, assim como eu.

Assim, B.A, de 14 anos aluna do Colégio Frei Pacífico, tem a leitura como uma fonte de prazer e algo que a faz conhecer e viajar por entre os livros e histórias que aprende na escola, busca conhecer novas fontes de leitura que tragam não somente informação mas a diversão, e a transformando em benefício próprio assim como aos amigos, segundo a aluna B.A,

“...a professora trás muitas coisas legais pra ler...mas o que mais me emociona quando leio, são os poemas...eles me arrepiam, pois fala de amor de pessoas que se gostam, por isso gosto de ler e escrever...”⁴.

Chartier (2009), já nos remete em sua obra “A aventura do livro do leitor ao navegador”, que a leitura é sempre apropriação, invenção de significados, que toda história da leitura supõe, em seu principio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor...Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta, ela é cercada por limitações derivadas das capacidades...em suas diferenças práticas de leitura.

Como toda criança curiosa e ativa, os alunos, ED, VT e L, todos com 9 anos, estudantes da Escola Salomão, adoram observar e interpretar com bastante atenção as histórias que a professora conta na biblioteca durante a hora do conto, porém quando perguntado à eles se gostavam de ler? O que eles liam quando estão sozinhos? Foram precisos em concordarem na resposta:

“Ler? Gosto de ver as palavras dos livros, mas a leitura é difícil porque não consigo entender as palavras, mas eu gosto dos livros, gosto de ver o que tem dentro ...As vezes, eu entendo uma palavra, gosto muito das imagens, principalmente da Mônica, ela bate no Cascão e no Cebolinha com o coelho Sansão, tem também a Magali, é legal ” (ED).

“...Verdade, eu também concordo ler é difícil tenho que ficar perguntando o que é aquela palavra, gosto de ver as imagens e ai entendo.(VT).

⁴ B.A, aluna do 8º ano, Colégio Frei Pacífico

“É a professora contou outro dia a história do pé-de-feijão, João né? Ah! do Patinho surdo...é legal, mas gosto dos quadrinhos é divertido, eu gosto do Cascão, ele não toma banho!!(risos), difícil “ler” tem que ficar perguntando pro meu primo o que significa ou pergunto pra prof...”(L).

Os relatos destes alunos na verdade, vão ao encontro de muitos outros alunos surdos que iniciam sua trajetória escolar a cerca da leitura, sabem o quanto ela é importante e o quanto dela necessitam para construir seus conhecimentos, embarcar em novas descobertas para a construção do seu saber, sua educação e sua autonomia. Mas esbarram na dificuldade de compreender a estrutura gramatical da língua portuguesa, confiantes e persistentes neste longo caminho escolar que estão apenas iniciando, mas que visam o sucesso.

Assim, como B.A, outros alunos como D.S, de 14 anos, têm muita determinação e objetivos claros quando perguntado sobre o que é leitura para ele? E o porquê, é tão importante ler:

“...Ler é bom!!! Semana passada, conhecemos uma redação que faz jornal de verdade pra todos lerem, a Zero Hora⁵, é bem grande e legal, muitas notícias são escritas lá e depois tudo vem pra gente ler, dá pra ver a notícia no computador e ver de outros lugares também... (Do seu tablet dá... Meu tio tem um!), é bem difícil ler, mas tem que tentar e as palavras que eu não sei procuro no dicionário, no computador ou pergunto pra prof....Se não tem sinal, a gente inventa um e todos ficam sabendo, mas é difícil ler, mas é bom...”⁶

Esta dificuldade relatada aqui por D.S, e por outros alunos surdos crianças, como os da Escola Salomão, é mais comum do que pensamos, imagine a seguinte situação ou melhor afirmação: Quem procura uma profissão

⁵ Os alunos do 8º conheceram a redação do jornal Zero Hora, e puderam perceber como é o processo de criação das notícias de uma equipe tão grande, que trabalha dentro e fora do jornal, na intenção de coletar e transmitir as notícias em tempo real a todos os leitores, inclusive estes jovens curiosos, este trabalho, foi idealizado pela professora regente que queria que seus alunos e exigentes leitores pudessem ter contato com as mais variadas formas de leitura, para que assim pudessem confeccionar um jornal Escolar com as notícias e acontecimentos internos da Instituição que estudam. Após a visitação eles o fizeram e a escola pode desfrutar das informações, curiosidades e diversão interna do Colégio Frei Pacífico.

⁶ D.S, é aluno do Colégio Frei Pacífico

ou busca o sucesso na carreira, sabe que é essencial o aprendizado de uma segunda língua, correto! Para as pessoas com surdas essa atitude significa a busca pela melhora do convívio social. Aprender é fundamental, pois apesar de ter a Libras como primeira língua L1, o surdo necessita aprender o português na modalidade escrita como segunda língua L2, para se comunicar e ter acesso ao conhecimento e à cultura local.

Com respeito ao ensino bilíngue, a lei diz o seguinte, no decreto-lei 3/2008, de 7 de Janeiro, artigo 4º:

As escolas devem incluir nos seus projetos educativos as adequações relativas ao processo de ensino e aprendizagem, de carácter organizativo, e de funcionamento, necessárias para responder adequadamente às necessidades educativas especiais de carácter permanente das crianças e jovens, com vista a assegurar a sua maior participação nas atividades de cada grupo ou turma e da comunidade escolar em geral.

Numa abordagem educacional, o bilinguismo baseia-se no reconhecimento do fato de que os sujeitos surdos são interlocutores naturais de uma língua utilizando sua expressão como forma marcante para sua comunicação. O bilinguismo, tal como entendemos, é mais do que o uso de duas línguas. É uma filosofia educacional que implica em profundas mudanças em todo o sistema educacional para surdos. A comunidade dos surdos está inserida na grande comunidade de ouvintes que, por sua vez, caracteriza-se por fazer uso da linguagem oral e escrita. Skliar (2001). A criança surda quando inicia sua trajetória escolar tem o aprendizado da Língua Brasileira de Sinais (Libras), totalmente diferente da língua utilizada pela sociedade ouvinte, o que atrapalha a comunicação em geral. Assim, é necessário criar meios para ensinar o português às pessoas surdas, pois trata-se da língua oficial do nosso país, embora seja uma segunda língua para eles, o que exige um processo formal de aprendizagem.

A maior dificuldade no ensino é a repetição de palavras que não têm significado para os surdos, a grande reclamação deles pelo que pode perceber

nesta coleta de dados para este trabalho, é de ficarem repetindo palavras que não têm sentido para eles, penso que, quando se entendem os conceitos das palavras e expressões, o aprendizado se torna mais eficaz. O papel da Libras na instrução do português escrito é primordial, porque possibilita o conhecimento de mundo e de língua, com base nos quais os alunos surdos poderão atribuir sentido ao que leem e escrevem.

Quando o aluno D.S, menciona sobre as formas de leitura que ele conheceu e gosta de usar, como o uso do computador, tablet e as rede sociais, e o quanto tudo isso se faz presente na vida destes alunos e na de muitas pessoas, percebe-se que as novas formas de ler mudam conforme seus tempos, assim Chartier (2009) retrata: “novas formas que encontramos de ler, seus gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler, novas atitudes são inventados, outras se extinguem.

Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler, elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias. Chartier (2009).

A vontade de aprender cada vez mais, sem depender de ninguém é o que V.Z de 15 anos deseja, para esta adolescente:

“...Ler é importante pois, assim quando ela vai ao “super”, sozinha sem a companhia da mãe ou irmã mais velha e pode comprar as coisas que a mãe escreveu na lista, ninguém nem fica sabendo que eu sou surda, pois eu sei ler e muito bem, ler é importante por que eu posso usar a internet pra ver os recados dos meus amigos no face, postar fotos e fazer pesquisa da escola, tudo isso sozinha, mas é bom por que procuro coisas novas como os poemas que a prof. Andréia conta e outras coisas...”

Para estas crianças e adolescentes não seria diferente, com tantas inovações tecnológicas que permitem usar e abusar das fontes de leitura, a internet é uma ferramenta mais que bem vinda para todos os alunos, pois de certa forma são agentes transformadores na nova visão de conhecer o ler em todos os sentidos.

De certa forma, estes relatos, possuem o mesmo significado e a mesma intenção, porém, cada um mantém sua característica interpretativa dos diferentes tipos de texto que conhece. Cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular e esta singularidade é própria e atravessa aquilo que faz este leitor semelhante a todos aqueles que pertencem a esta comunidade de leitura.

Finalizo este texto com uma imensa satisfação em ter tido o prazer em conhecer estes alunos e os profissionais que os orientam da melhor forma possível, garantindo a comunicação plena e não apenas a interpretação entre línguas, criando um sentido a leitura para o cotidiano e as relações com os espaços de escolarização que cada sujeito surdo tem o direito de ter.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Decreto nº 5.626/05. Regulamenta a Lei nº 10.436, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras). 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2004-006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em 10 jan. 2010

Conde, Dirceu Cleber. A referência do sujeito narrador como expressão da identidade e seus efeitos de sentido – excerto tese de doutorado, 2008 pg 34 a 39.

Chartier, Roger, A aventura do livro: do leitor ao navegador; tradução Reginaldo Carmello: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FERREIRO, Emília. *Cultura escrita e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

GALVÃO, Ana M. de Oliveira; OLIVEIRA, Poliana J. Prates de. Objetos e práticas de leitura de um “novo letrado” estudo de um percurso individual no século XX. In: GALVÃO, Ana M. de Oliveira *et al.* **História da cultura escrita: séculos XIX e XX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 97-135.

GIORDANI, Liliane Ferrari. “Quero escrever o que está escrito nas ruas” representações culturais da escrita de jovens e adultos surdos. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 2003. (Dissertação de Doutorado).

